

## ANEXO II – RESUMO EXPANDIDO

**OS KANINDÉ NO CEARÁ: O MUSEU INDÍGENA COMO UMA EXPERIÊNCIA EM MUSEOLOGIA SOCIAL.**

Apresentação oral

**Objeto**

Manter a história somente na memória não foi o suficiente para garantir a sua perpetuação. Foi pensando assim que o cacique do povo Kanindé, José Maria Pereira dos Santos, o Sotero, organizou o Museu dos Kanindé (Aratuba/CE), por volta de 1995, onde vem sendo preservada a memória e onde estão expostos instrumentos de trabalho, dança e parte dos animais caçados pela comunidade, que retrata a existência deste povo. Sotero nos explica as peças do museu: “A gente bota na parede desse museu tudo da cultura da gente. A gente guarda tudo que representa nossa nação, seja caça, armas, plantas e documentos. Aqui a gente vive da agricultura. Planta o milho, o feijão, a fava, a mamona, a mandioca. E principalmente a gente se alimenta da caça. Isso aqui é o peba! Nós temos muito aqui na nossa quebrada. O pé do gavião estragador de galinha. Ele é muito danado! Tem o pé do jacu. Esse é um pé de um veado, nós temos muito ainda na nossa quebrada. Essa é uma cabeça de um cassaco e esse outro é um Tejo. Nós temos muito ainda e é muito gostoso! Esse é um gato maracajá. Essa é uma coruja. Aqui é um Serra-pau, ele derruba tudo que é galho. Ali é a cabeça de um bode. Isso aqui é uma cabeça de bode. Isso aqui é uma casa de abelha, isso ali é uma casa de formiga. Esse é um couro de mocó. Isso é a asa de um gavião e isso é o nosso artesanato de madeira imburana”.

**Objetivos**

O Museu indígena Kanindé vem realizando um importante papel no fomento a salvaguarda, pesquisa e comunicação de seu acervo, estando em um momento de formação permanente de um grupo de indígenas para assumir a gestão museológica, através da implementação de atividades programadas, que são registradas pelos integrantes do núcleo educativo e pedagógico, jovens estudantes indígenas da escola indígena Kanindé. Estes jovens executam, através de uma proposta pedagógica educacional em parceria com a escola indígena, uma vasta programação cultural e educativa, envolvendo várias gerações de moradores da aldeia Fernandes. Segundo Gomes e Vieira Neto: “O museu indígena é um potencial vetor para dar visibilidade as diferenças culturais e terreno fértil para as lutas provindas do processo de construção social da memória. A atuação de sujeitos outrora marginalizados e as potencialidades de reescrita da história tornam o museu indígena um lugar privilegiado no conjunto das lutas provindas da organização dos povos indígenas contemporâneos” (2009 p 32).

A organização do museu indígena Kanindé é fruto dos esforços das lideranças indígenas, principalmente do cacique Sotero, pois sua história está diretamente relacionada com a afirmação da identidade indígena do povo. O museu vem se constituindo como um importante espaço de preservação da memória, servindo as finalidades de pesquisa e também divulgação da cultura. A parceria com a escola indígena Manoel Francisco dos Santos e a Associação Indígena Kanindé de Aratuba (AIKA) é fundamental na realização das diversas atividades com a memória e o patrimônio: pesquisas, visitas, oficinas, exposições, palestras, rodas de conversa, vídeos, etc. O objetivo deste trabalho é apresentar os trabalhos de

formação e comunicação museológica desenvolvidos pelo núcleo educativo do Museu dos Kanindé.

### **Metodologia**

Inúmeras são as atividades que são desenvolvidas no espaço do Museu indígena Kanindé: expressões da ritualidade, oficinas para aprender e reinventar saberes aparentemente esquecidos, trabalhos com a história oral. Os mais velhos conhecidos, como guardiões da memória, podem narrar para as novas gerações suas lembranças e conhecimentos a partir da cultura material e simbólica, reiterando sua memória quando são interpretadas de forma a justificar, no presente, a forma de viver da comunidade.

Quando Sotero fala das “coisas dos índios”, suas “novidades” determinam referências diversificadas, que se relacionam diretamente a memória social do povo indígena Kanindé, expondo a noção de que os Kanindé, principalmente Sotero, pensavam sobre o que seria museu indígena e o significado dos objetos constituídos na sua ação museológica (Gomes, 2012). “O museu amostra as coisas” (Cícero Pereira). Podemos perceber que, através dos relatos dos guardiões da memória podem ser identificados os sentidos e a ressignificação das “coisas” (Gomes, 2012). A partir de então, os Kanindé passaram a realizar um modelo de gestão através da classificação do acervo e através da atribuição de sentidos aos objetos, sua forma própria de organizá-los e classificá-los. São elas: **“Coisas dos índios”**: categoria que representa tudo aquilo que os Kanindé atribuem como pertencente aos índios seja os do passado ou do presente. Os objetos arqueológicos são as “coisas dos índios” por excelência, aquilo que eles “deixaram quando morreram” (Sotero); **“Coisas dos velhos”**: (ou “coisas dos antigos”): aquilo que os Kanindé atribuem ser dos seus antepassados, parentes, tios, avós e bisavós. Constitui uma categoria a parte porque ela classifica outros tipos de objetos, que não são as coisas dos índios. Nessa categoria fazem parte os antigos instrumentos para o trabalho na roça, objetos pessoais, etc; **“Coisas das matas”**: esta categoria os Kanindé remetem ao seu significado a classificar o que é proveniente, simbolicamente, das matas, da natureza e da floresta, são paus, raízes, sementes, cascas, galhos, etc. Essa noção se amplia para além de uma lógica específica ao sistema de objetos. Associa-se com os objetos produzidos a partir de técnicas artesanais (“manuais”), feitas com matérias primas naturais (escultura em madeira) e também ao ato de caçar (os bichos) (Gomes, 2012).

### **Resultados**

Realizar gestão indígena no Ponto de Memória Museu Indígena Kanindé se tornou muito prazeroso, apesar de ser um grande desafio, em compreender melhor como se situa uma visualização de um museu indígena, dificuldades de formação na área museológica, capacitação, entre outros, muitas são as fases que tem desafiado o núcleo educativo e gestor do Museu Indígena Kanindé, mas uma coisa temos certeza: temos que nos apropriar dessas estratégias e que essa história deve ser contada por nós, para que nossas futuras gerações conheçam nossa versão da história, um relato de luta e de uma memória que herdamos de nossos ancestrais. Como falam nossas lideranças, “A gente nasce, a gente vive, a gente morre, mas nosso povo sempre viverá nessa terra”.

### **Referências bibliográficas**

CASTRO, Esther de; VIDAL, Lux Boelitz. O museu dos povos indígenas do Oiapoque. Um lugar de produção, conservação e divulgação da cultura. In: SILVA, Aracy Lopes; FERREIRA, Mariana Kawall Leal (orgs.). *Práticas pedagógicas na escola indígena*. São Paulo: Global, 2001, p. 269-286 (Série Antropologia e Educação).

GOMES, Alexandre Oliveira e VIEIRA NETO, João Paulo. *Museus e memória indígena no Ceará*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2009.

GOMES, Alexandre Oliveira. *Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

OLIVEIRA, João Pacheco de (org.). *A presença indígena no Nordeste*. Processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.